
*CARTA DE WILLIAM
FAULKNER A SALDANHA
COELHO, EDITOR DA
REVISTA BRANCA 2*

William Faulkner³

Larissa Costa da Mata⁴ (tradutora)

Senhor Saldanha Coelho, Editor

The first duty of a writer, young or old, is to Work, Labor.

His or her first obligation is to Truth, to try to tell Truth even though he knows he may fail, never to take the easy way because it is easy.

His or her first satisfaction will be the best one of all – to have made something which may outlive him.

William Faulkner,

Sao Paulo

14 Aug. 1954

² A carta foi publicada pela primeira vez na Revista Manchete, número 123, e pertence ao arquivo pessoal de Luciano Saldanha Coelho, filho de José Saldanha Coelho, que autorizou a publicação tanto da carta quanto de sua tradução na Web Revista Linguagem, Educação e Memória.

³ Foi um escritor norte-americano, considerado um dos maiores romancistas do século XX.

⁴ Doutora em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: larissa.mata@gmail.com



END. TELEGR. "ESPLANADA"
TELEF. 34-8181

São Paulo.

Senhor Saldanha Coelho, Editor
The first duty of a writer, young
or old, is to Works, Labor.

His or her first obligation is to
Truth, to try to tell Truth even
though he knows he may fail,
never to take the easy way
because it is easy.

His or her first satisfaction will
be the best one of all - to have
made something which may outlive
him.

Willow Fulkerson
Sao Paulo
14 Aug 1937

Tradução e estabelecimento de texto

São Paulo, 14 de agosto de 1954.

Ao senhor Saldanha Coelho, editor,

A primeira responsabilidade de um escritor, seja jovem ou velho, é Trabalhar, é o Labor.

A sua primeira obrigação é com a Verdade, tentar dizer a Verdade mesmo que saiba que pode ser que falhe; nunca seguir um caminho por ser fácil.

A sua satisfação será a melhor de todas – ter feito algo que pode sobreviver-lhe.

William Faulkner

Estabelecimento e tradução de texto: Larissa Costa da Mata

Anexos

Em anexo, segue a capa da Revista Manchete que publicou pela primeira vez a Carta de William Faulkner a Saldanha Coelho, assim como a matéria a respeito da correspondência dos autores.





"Sr. Saldanha Coelho: O primeiro dever do escritor, a verdade, tenta, dizer a verdade, ainda que saiba que isso é difícil por ser fácil. Nunca deve enveredar pelo caminho atalhado, pois o primeiro fruto que colherá dessa atitude será o melhor de todos — ter feito alguma coisa que o possa imortalizar."

Faulkner em São Paulo

O PRIMEIRO DEVER DO ESCRITOR É TRABALHAR

Reportagem de SALDANHA COELHO

Desde sua chegada até seu regresso aos Estados Unidos, esteve em contacto permanente com William Faulkner (Prémio Nobel de Literatura de 1951), que esteve no Brasil para participar do Congresso Internacional de Escritores. Foi-lhe apresentado por John Campbell, diretor de divulgação cultural do Consulado Americano de São Paulo.

Do aeroporto, Faulkner foi levado a um restaurante russo, "A Taverna do José", em minha companhia, de Leroy Benoit, adido cultural da Embaixada Americana, John Campbell e Osmar Pimentel, que também participou de quase todos os nossos passeios e encontros. Nessa noite e nas três outras que se seguiram, ninguém o entrevistou, ninguém conseguiu fotografá-lo. Faulkner fez questão de estar sózinho com esse pequeno grupo e a seu lado tornar-se íntimo de São Paulo, que ele mais tarde viria a definir com uma expressão espontânea e dita acentadamente: "É uma cidade incrível".

Depois de vodka, pediu que lhe dessem a cachapa nacional e, durante o chikênkies, quis provar um vinho brasileiro. A escolhida recaiu no "Libenfrumilch", do Rio Grande. Faulkner cheirou-o por alguns instantes e, antes de sorvê-lo, disse que o vinho era da safra de 1952. No rótulo da garrafa não havia indicação, mas o garçon confirmou sua opinião, e ele se disse conhecedor de vinhos de qualquer nacionalidade.

— É bom! Sirva-me mais um pouco, por favor.

Osmar Pimentel pediu ao maestro que tocasse música brasileira, samba e baiao. Faulkner não fez comentários sobre nossa música popular. Parecia longe, repetindo as doses do vinho gálico e, de vez em quando, sorrindo ao acordeonista que o homenageava com malabarismos e trejeitos. Mostrava-se satisfeito com a intimidade do jantar e, nessa noite, não fez qualquer referência à literatura. Falava-nos num tom paternal, o acento salino às vezes ininteligível, sempre suave e simples.

— Eu gostaria de ter pintado este quadro! Veja a tristeza de suas figuras e o sombrio de cores que Iohanan Simon conseguiu fixar na paisagem de fundo — disse Faulkner.

Estávamos diante dos quadros desse pintor, no Museu de Arte de São Paulo, e Faulkner revelava-se apreciador e conhecedor de pintura. Tomava distância, aproximava-se, fazia comentários e passava a outra tela, demonstrando interesse por algumas, depreciando outras. Ao acabar os quadros de Iohanan Simon, começaram a surgir os de outros pintores, Joan Ponc. Em geral, estes não agradaram a Faulkner que, diante de um deles, assim se expressou:

— Este quadro devia ser mostrado a Freud. Não me agrada.

Depois conheceu a pequena biblioteca do Museu e lá foi apresentado com dois luxuosos álbuns de reproduções de Portinari e Segal, pelo diretor do Museu. Mostrou-lhe alguns barros de Vitalino, entre os quais o canaceiro, a missa e o entêro do Nordeste. Faulkner me crivou de perguntas e só interrompeu sua curiosidade pelo famoso artefato de Caruaru quando "as dores que vinha sentindo se tornaram muito fortes e ele teve de deixar-se para receber mensagens.

— No fim da primeira guerra mundial, recebi um ferimento aqui — e apontou para as costas, um pouco acima da região sacra — e nunca mais consegui ficar inteiramente bom. De vez em quando, sinto pontadas fortíssimas e, se não comprimo as costas contra qualquer superfície dura, não consigo suportá-las.

Faulkner estirou-se no chão, pediu-me que apertasse com bastante força o seu peito e assim permaneceu cerca de dez minutos, tentando vencer as cólicas que lhe punham o rosto mais sanguíneo, acentuando o contraste com seus cabelos embranquecidos.

Quando melhorou, recebeu das mãos de Osmar Pimentel um exemplar da versão inglesa de "Casa Grande e Senzala", de Gilberto Freyre.

Este livro trata do problema do negro, não é verdade? Pelo título, vejo logo que é um estudo que me interessa particularmente. Como se pronuncia esse nome?

Belgria-se ao nome de Gilberto Freyre, que logo aprendeu a dizer, e se informou a seu respeito comigo e Osmar Pimentel.

— Vou lê-lo na primeira oportunidade, e sei que vou aprender bastante sobre o Brasil. Nós do Mississippi não imaginamos que na América do Sul haja uma cidade como esta. E tudo isto construído pelo café! Mr. Freyre é também paulista? — inquiriu sorridente, segurando a volumosa versão inglesa de "Casa Grande e Senzala", como a insinuar que aquela grande obra devia também ser fruto da grande cidade de São Paulo.

Após o jantar de sua chegada, entre as sugestões que se fizeram para o seu primeiro passeio de contacto com São Paulo, foi lembrada uma visita ao Butantan.

— Não estou interessado em cobras, mas em homens. Vamos ver as pessoas na rua, as obras de arte, a música, os livros.

Estas foram as palavras de Faulkner que nos fizeram conduzi-lo ao Museu de Arte.

— Quero conhecer a vida rural de São Paulo, quero ver os cavalos...

Aqui o interrompemos para saber se ele possuía cavalos, e quis, entre eles, os de sua preferência. Faulkner, como em todas as vezes que nos fez confissões, com naturalidade e sempre a propósito de alguma coisa que estava vendo ou de que falava casualmente, contou-nos um pouco de sua vida de escritor.

— Tenho cinco cavalos, mas só um de corrida. Costo muito deles, e também das vacas, das galinhas. Não tenho hora para escrever por causa de meus animais. Antes de saber se eles têm comida, se a fazenda está em ordem, se minha filha precisa de alguma coisa, não penso em escrever livros. Primeiro eles, depois a literatura. Sou homem sem métodos literários, mas tenho o meu sistema de vida com as pessoas e os animais, de que nunca me afasto.

E falando do seu cachimbo, que ele diz ser o "típico Faulkner":

— Sou mais fazendeiro do que escritor, embora se encontrem dramas e tragédias também numa fazenda. Há dois anos caí de um cavalo, o que talvez tenha influenciado muito estas dores que sinto dos ferimentos da guerra. Mas nem por isto gosto menos de meus tratores. Só não tolero gato. Gato é traçoiteiro, não se pode confiar.

As dores voltaram e o importunariam durante todo o tempo de sua visita a São Paulo. Muitas foram as vezes em que interrompemos bruscamente nossa conversa ou adiamos um passeio para aplicar-lhe massagens. Por se achar doente, Faulkner não pôde comparecer às reuniões do Congresso Internacional de Escritores, realizadas à noite. A uma delas foi só por apenas alguns minutos. De outro modo, mesmo doente, alguns instantes depois de contorcê-se de dores, na noite em que os jovens de "Revista Branca" foram homenageados por José Geraldo Vieira e Maria de Lourdes Teixeira. Faulkner fez questão de levantá-se e ir ao encontro deles.

— Em meu país, deviam matar os velhos. Só os jovens farão o que achamos fazer, portanto, só eles têm direito à vida. Custos dos moços e, mesmo doente, vou vê-los. Quero falar-lhes, responder a suas perguntas. Também sou moço. Tenho os cabelos brancos, mas meu coração é jovem.

Na residência de José Geraldo Vieira, esteve algumas horas, pondo apreensivos os convidados, que de vez em quando o viam dar sinal de sofrimento, as costas

apertando-se contra o encosto do sofá, os olhos fixos nos seus miúdos sumindo nas contrações do rosto. Mesmo assim, falou muito aos jovens e lhes respondeu como um velho simples que estivesse falando aos netos, com desprezo. Faulkner é terno, a simpatia que ele nos comunga não nos desejo de protegê-lo, guarde os passos, com a paciência e o desvelo de uma ama.

Na véspera já o haviam levado para comer tranquilamente à baiana e acertara-se que ele conheceria o maior sítio de cobras do mundo. Faulkner aprovava a ideia, mas mostrou mais doméstico e interessado, mas também o velho de Faulkner em geral, não obstante sua negativa de um primeiro dia de não estar interessado em cobras, mas em homens.

A caminho do Instituto de Butantan apontamos para uma construção moderna e perguntamos a Faulkner que ele achava da arquitetura funcional.

— Compreendo sua razão de ser, mas para eu entrar, nunca. Prefiro minha casa de campo no Mississippi, com os vidros e colunas daquele edifício. Sei que o mundo de amanhã será todo assim de cimento e vidros e aço. Mas este não será o meu mundo. Morrerei no campo.

Faulkner ouviu atento todas as explicações sobre o maior e o menor poder venenoso das diferentes cobras que lhe foram mostradas e também gostou delas. Quando, depois de um brinde à cidade que — disse ele — o impressionou mais do que Nova York, perguntou que livro estava lendo um menino sentado ao canto do balcão. Informamos-lhe que devia ser de histórias infantis, algum dos que Faulkner provavelmente lera na infância.

— Sim, sempre gostei de ler. E leio todas as noites, poucas ou muitas horas, dependendo do trabalho da tarde. Conheço os homens em contacto com as pessoas e na leitura de seus livros.

Contamos-lhe que um repórter brasileiro divulgara seu desinteresse pelos livros. Faulkner sorriu e disse que naturalmente o repórter não compreendera suas palavras.

— Leio muito de tudo. De literatura, especialmente. Sobre muitas outras coisas, falou-nos Faulkner, mas aí está uma notícia de sua passagem pelo Brasil, durante os sete dias que com ele convivemos. É o mesmo homem de seus grandes livros.

— Meus livros não são como eu quero, mas representam tudo o que sei — disse ele.



28 de Agosto de 1954